



Editorial

O corpo em movimento: espiritualidade e transcendência

O universo das religiões e das espiritualidades dá testemunho de uma resistência a certas representações modernas do corpo – o corpo anatomizado ou o corpo-máquina, industrializado e medicalizado. A memória das religiões é mediada pelos corpos. Eles são um veículo de transmissão e identificação, através de regimes posturais, gestos, inscrições, disciplinas, sensorialidades, etc. O *Homo religiosus* age com o corpo, mesmo quando deseja libertar-se dele. Como observou Pierre Bourdieu, o que se representa na cultura sob a forma mais espiritual ou imaterial (*état d'âme*) deve compreender-se a partir da sua inscrição na materialidade social de uma estrutura (*état de corps*).

Este dossiê da REVER acolheu estudos e ensaios sobre o corpo (com particular incidência no tema do corpo em movimento), nas suas práticas e sentidos, como expressão de uma espiritualidade e lugar de abertura à experiência de transcendência. Este interesse de pesquisa cobriu duas direções: a compreensão do corpo em movimento no contexto de vivências espirituais e religiosas; a construção de sentidos espirituais para as práticas performativas e/ou de intensidade física (dança, desporto etc.), enquanto expressão de deslocamentos do sagrado.

O corpo é um lugar de encontro e confronto de culturas. No ensaio de Maria Cecília Simões e Paulo Henrique Lopes – “Quando o corpo abre mundo” –, expõe-se um confronto entre as linguagens da ontologia de matriz ocidental e o perspectivismo ameríndio. Em diálogo com os estudos do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, propõe-se uma epistemologia da religião a partir da fenomenologia do xamanismo: na ontologia anímica, própria do xamanismo, a diferença de mundos não se concentra no fator humanidade (cultura), mas antes na materialidade dos corpos (natureza) – este seria o terreno do multinaturalismo.

O leitor regressa ao cerne de alguns substratos da chamada cultura ocidental, através da exploração da filosofia política de Giorgio Agamben. Nessa indagação, Geraldo Luiz De Mori e Davi Mendes Caixeta procuram um quadro de compreensão antropológica da condição de nudez. Essa hermenêutica da condição do corpo nu e da vida nua tem um terreno próprio: a partir de diversos arquivos míticos, narrativos e históricos do Ocidente, Agamben pergunta-se porque é que a relação rosto/corpo é marcada por uma assimetria fundamental, uma vez que o rosto deve permanecer nu, enquanto o corpo deve permanecer coberto. Não se trata de uma fenomenologia do pudor. Para Agamben, trata-se de um problema biopolítico, já que, na sua ótica, a vida nua exprime a condição humana de fragilidade e de exclusão.

Mas o corpo é também linguagem. Numa viagem à primeira metade do século XVII, em Pernanbuco, Robert Daibert Jr. oferece um olhar documentado sobre o significado do corpo na experiência religiosa de populações escravizadas, de origem

centro-africana, a partir da análise de dois textos de um viajante europeu, Zacharias Wagener. Nessa aproximação, as linguagens do corpo, em particular, na dança, surgem como um lugar de reelaboração de sentidos, num contexto de trânsito cultural. Nesse processo, as tradições religiosas africanas são incorporadas em novos quotidianos, numa paisagem social e geográfica distinta.

Os estudos sobre o corpo recorrem, com frequência ao conceito de “técnicas corporais”, herdado de Marcel Mauss. Essa tradição antropológica foi reelaborada no campo mais recente dos *ritual studies*, âmbito em que se desenvolveu uma particular atenção às “pedagogias da corporalidade” – repertório de técnicas que permitem aos sujeitos a aquisição de novas habilidades corporais. O estudo de caso, apresentado por Anderson Severino de Oliveira Tavares e Orivaldo Pimentel Lopes Júnior, sobre a Igreja neopentecostal Verbo da Vida, põe em evidência o modo como o corpo, na sua articulação a enunciados performativos, se constitui como o medium determinante para a comunicação da experiência religiosa.

Noutro contexto cristão, Renan Dantas descobre como a pedagogia do corpo pode ser decisiva na exercitação de uma percepção religiosa de si e do mundo. O investigador propõe-se apresentar o resultado de uma aproximação antropológica à modalidade de yoga cristã criada pelo padre jesuíta Haroldo J. Rahm. Nesse contexto de criatividade religiosa, descobre-se uma reorientação psicossomática das concepções de “fé cristã”, na qual se combinam práticas como os exercícios espirituais de raiz inaciana e disciplinas vulgarizadas no quadro da recepção ocidental da yoga. O corpo torna-se, assim, lugar de cruzamentos, onde linguagens religiosas heterogêneas se recombinaem, abrindo espaço para a criatividade simbólica, num contexto religioso fortemente institucionalizado.

No estudo de Karina Arroyo Meneses, descobrem-se correlações pertinentes entre a performatividade corporal e a geo-simbolização religiosa. Analisando um conjunto de sequências rituais, numa comunidade xiita, em São Paulo, a autora socorre-se dos instrumentos da etnocologia para nos propor uma hermenêutica do luto, enquanto gesto ritual, capaz de requalificar religiosamente um território. Trata-se de uma dramaturgia em que o corpo em movimento se apresenta como a reverberação de uma memória partilhada, imprimindo, no espaço, a cultura xiita.

O corpo humano em movimento intencional é complexo e capaz de construir / atribuir novos sentidos e significados às suas ações. Desvelar a complexidade deste corpo, compreender este ser em movimento que age, reage e interage com o mundo, com as coisas e com as pessoas, tendo por base as premissas do paradigma da Motricidade Humana, é um desafio. Para tanto, é necessário ampliar os horizontes, superar conceitos cristalizados, construir pontes e conexões com vários campos do saber e, por vezes, mudar atitudes pois, este paradigma nasce envolto em um novo espírito científico.

É neste contexto que situamos o ensaio de Alexandre Palma onde, imerso na obra do filósofo português Manuel Sérgio, desenvolve uma análise crítica sobre o entendimento de transcendência, associando-a, posteriormente, à experiência religiosa, ao movimento e ao corpo¹. Ao construir sua narrativa o autor perpassa pelas questões

1 Agradecemos a colaboração da Prof^a. Helena Gil da Costa (UCP) para o contato com alguns pesquisadores ligados ao paradigma da Motricidade Humana.

antropológicas que embasam o paradigma da Motricidade Humana, proposta por este filósofo, e elucida questões conceituais necessárias à compreensão desta área de conhecimento. Neste percurso, evidencia a essência humanística do pensamento de Manuel Sérgio que, embora tenha se dedicado prioritariamente à investigação na área do esporte, comunica-se com as demais áreas do conhecimento. De modo mais específico, ajuda-nos a conhecer uma cinantropologia focada no ser humano que se move, com intencionalidade, na esperança de transcender e transcender-se. É neste diálogo que Palma estabelece conexões com o campo dos Estudos de Religião, desvelando alguns contributos teóricos, a saber: a relação entre transcendência e experiência religiosa; a abertura da corporeidade à transcendência e o resgate do movimento como tema para o discurso sobre a religião e a espiritualidade.

Caracterizar o avanço do pensamento sobre a relação “corpo e transcendência”, a partir de conceitos fundantes, é a temática do ensaio desenvolvido por Marta Genu Soares, Diego Genu Klautau e Fabiana Dias Klautau. De modo específico, definem como objeto de investigação o movimento que transcende, seja de natureza espiritual seja de natureza corpórea. A abordagem apresentada parte da premissa da unicidade do humano e, embora reconheçam a existência de matrizes teóricas distintas, assumem que esta unicidade faz parte da nossa essência. Como percurso teórico, convidam-nos a revisitar autores de referência que discutem as relações/concepções sobre corpo, alma, imanência, transcendência, espiritualidade, e de como foram apresentadas ao longo da história do pensamento filosófico. Essa aproximação permite a construção de uma linha do tempo, distinguindo aspectos convergentes e divergentes. Os conceitos de “corpoconsciente”, construído com base na matriz filosófica da Motricidade Humana, e de “transhumanismo” nos são apresentados na esteira deste pensamento. Embora integrem conceitos presentes nas reflexões de outros autores não ficam restritos a eles sendo, então, ressignificados. De forma original, permite-nos compreender que o corpo que transcende sempre o faz por meio da ação motrícia.

E é na motricidade que o ser se faz humanamente possível, reconhece seu físico e sua fisicalidade, constrói subjetividades, experimenta novas vivências e perspectiva o estabelecimento de infinitas relações, é capaz de superar, criar, transcender. A motricidade é a dimensão fundante da vida, vem nos dizer Sérgio Oliveira dos Santos, e através dela é possível aceder a uma espacialidade e a uma temporalidade que vai além da “objetividade materializada e dos naturais desdobramentos das coisas e dos acontecimentos da vida, potencializada por um infinito universo semântico que observamos tanto na experiência do jogo como nas artes”. Será que este mesmo universo pode ser observado na experiência do sagrado, instiga-nos o autor? A tese apresentada por Sérgio Santos defende a possibilidade de que estas experiências, quando mediadas pela ação motrícia e pelas modulações de sentido, permitem ao ser humano envolver-se plenamente na ação, estabelecendo um estado de fluidez, de “presencialidade”. Evidencia também a importância de se compreender a relação entre motricidade e linguagem e o quanto este encontro pode ser frutífero ao promover o desdobramento do potencial humano em diferentes expressões. A motricidade, neste contexto, caracteriza-se como a ação consciente e plena de sentidos e significados. As experiências lúdicas e estéticas, quando mediadas pela motricidade, permitem ao ser humano a vivência de uma plenitude da

ação, sujeito de sua própria história, assumindo suas carências, bem como a possibilidade de as superar, transcendendo-se. É nesta perspectiva que a experiência do sagrado pode ser mediada pela motricidade e, assim, percebida como “modulação de sentidos”. A atitude religiosa, pelo olhar da motricidade, é abertura para o entendimento da complexidade que habita o mundo, é trilhar caminhos que permitam a “emancipação dos corpos-consciência”, é assumir as responsabilidades e não se deixar subjugar, é viver a consciência espiritual de si e do mundo como possibilidade de transcendência e superação.

Esta reflexão crítica sobre a Motricidade Humana tem uma particular relevância nos processos de formação de profissionais que irão atuar na sociedade de hoje e em tempos futuros. Esta oportunidade nos é oferecida pela investigação de

Luis Guillermo Jaramillo Echeverri e María Verónica Torres Andrade. Os pesquisadores relatam a experiência desenvolvida no campo de formação das Ciências Médicas e da Saúde junto aos alunos do curso de graduação em Fisioterapia. Ao assumirem desde o princípio que é com o corpo e pelo corpo que conhecemos e compreendemos o mundo e as pessoas, indicam a necessidade de superar a visão reducionista, centrada na dualidade cartesiana e percebida tanto no exercício da prática quanto no contexto da formação do profissional de Fisioterapia. Sugerem, como contraponto, promoverem a compreensão de um corpo/pessoa a partir de sua historicidade e subjetividade. Foi com este intuito que conceberam uma experiência educativa, envolvendo alunos, professores e comunidade, e possibilitaram vivenciar a componente relacional e inter-corpórea presente no exercício da prática profissional. A ênfase em um corpo como fonte de possibilidades que permite a experiência humana não pode ser ignorada, pelo contrário, foi neste contexto que a compreensão de corpo, quer de um corpo próprio quer do corpo do outro, pode ser assumida como um “lugar” dinâmico, de manifestação do sagrado, de vivências e experiências múltiplas, relacionais e transcendentais. O corpo ao deixar de ser apenas um instrumento de aprendizagem configurou-se como templo, onde há produção de subjetividades e estas, presentes nas relações de contato quando da intervenção do profissional de Fisioterapia, possibilitaram a emergência de processos emancipatórios e de liberdade.

Para o filósofo Manuel Sérgio, o paradigma da Motricidade Humana deve efetivar-se como um projeto político de emancipação do humano e se dará, entre outras ações, por meio da reflexão crítica e propositiva, do compromisso ético, da liberdade – que gera responsabilidade, e da solidariedade para com os diferentes povos e para com o mundo. Esta perspectiva aproxima-se dos contextos em que a vivência espiritual e religiosa é mobilizada como fator de transformação individual e mudança cultural. Trata-se de descobrir, no corpo em movimento intencional de transcendência, um lugar de conclusão de diferentes dinamismos utópicos, indagação que se aproxima do que Roger Bastide explorou no domínio das deslocções do sagrado.

Katia Mortari (GEPMH – UEL)

Alfredo Manuel Matos Alves Rodrigues Teixeira (Instituto de Estudos de Religião – UCP)